

# CÉSARES

Mauro Santayana

Os ingleses são conhecidos pelo seu sense of humour: só assim podemos entender a saudação que dirigiram ao presidente Fernando Henrique, em Cambridge — e em latim —, comparando-o a Caio Júlio César. Trata-se de incômodo elogio. Se mais não fosse, pelo fato de que, quando pensamos em César, pensamos em Pompeu. E pensamos em Brutus. Pensamos em suas glórias (Marco Antonio chegou a propor, nas festas luperciais, sua coroação como rei, igualando-o a Rômulo) e pensamos em seu fim trágico, poucos dias depois que, na irresponsabilidade que sepultaria a república democrática, o Senado lhe concedeu o título de Ditador Vitalício. Se não houve intenção irônica, talvez tenha havido a metafórica advertência, na atualização daquela mesma advertência de quem, em sua passagem pelo Fórum (ou, seja, pela praça do mercado), disse ao grande general que tomasse cuidado com “os idos de março”.

Segundo a versão dos jornais, o mesmo orador (pelo que vemos, Cambridge não é mais a mesma) lembrou também o ideal político de Platão, ou seja, o do poder exercido pelos filósofos. Embora Platão previsse uma ditadura da inteligência praticada com extrema austeridade, o que não é bem o nosso caso, convém lembrar, a propósito, a troca de cartas entre Einstein e Benedetto Croce, o genial autodidata italiano que ofereceu corajosa resistência contra o fascismo e ajudou a Itália a reerguer-se depois da derrota militar. Einstein, que conhecera Croce em Berlim, ainda durante a efêmera República da Constituição de Weimar, elogia o papel político exercido pelo filósofo de Sorrento, naqueles meses de transição, e recorre também a Platão:

“Se o antigo Platão pudesse, de qualquer forma, ver o que agora acontece, sentir-se-ia em sua casa, porque, depois do longo curso dos séculos, veria que vem sendo cumprido, de certo modo, o seu sonho de um governo dirigido por filósofos...”

A resposta de Croce foi dura, talvez exageradamente dura, mas explicável em um homem que vivera durante vinte anos recluso entre seus livros, sofrendo a submissão da Itália ao fascismo, e sofrendo sobretudo, como a sua obra política revela, pela constrangedora adesão de seus compatriotas a um regime intrinsecamente perverso.

Depois de devolver os elogios recebidos, Croce entra no fundamental, na rejeição da presunçosa ditadura dos filósofos, em termos que devem servir como lição a todos os intelectuais chamados ao dever da política:

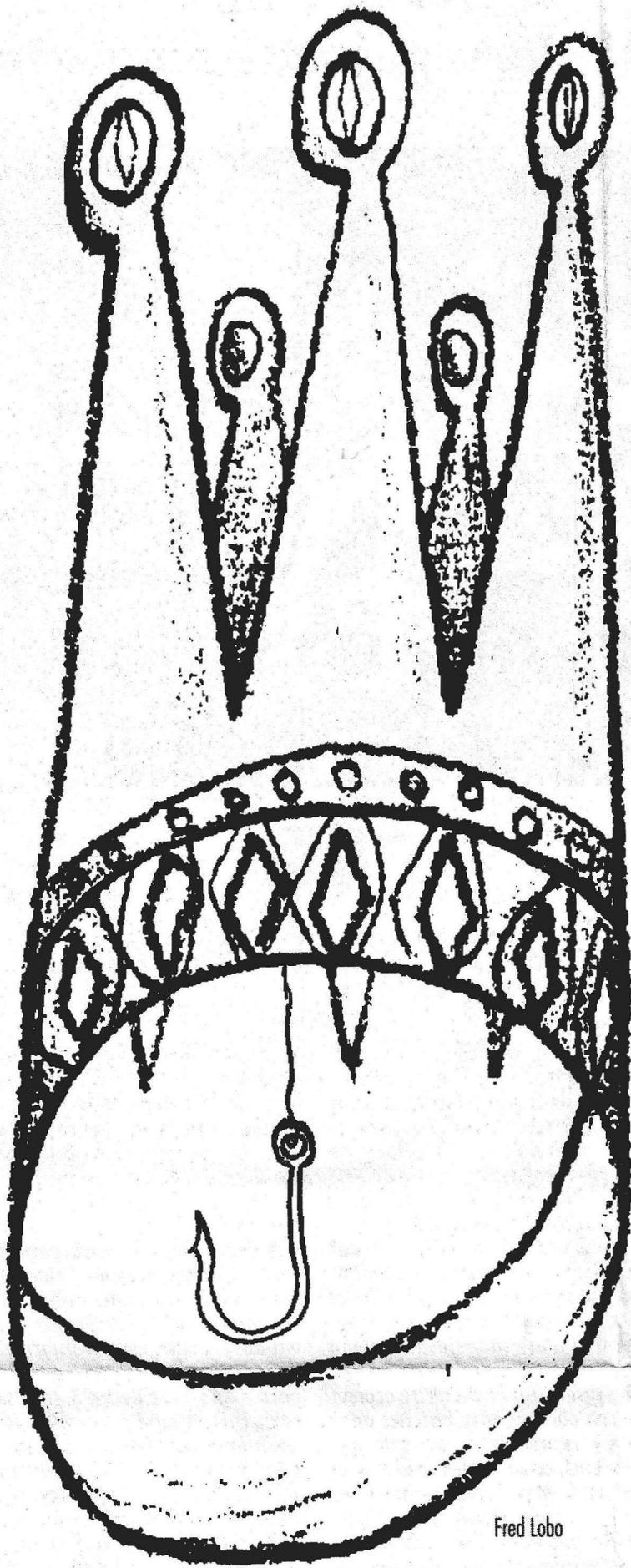
“Quanto à filosofia, ela não é severa filosofia se não conhece, com o seu ofício, o seu limite, que é o de aportar à elevação da humanidade a clareza dos conceitos, a luz do verdadeiro. É uma ação mental que amplia a vida, mas não se arroga em substituir a ação prática e moral, que essa (a vida) somente pode pedir. Nesta segunda esfera, cabe a nós, modestos filósofos, imitar um outro filósofo antigo, Sócrates, que filosofou, mas combateu, como hoplita

(soldado de infantaria) em Polidéia, e Dante, que foi poeta, mas combateu em Campaldino; e posto que nem todos e nem sempre possam exercer esta forma extraordinária de ação, participar da cotidiana, mais áspera e mais complexa guerra, que é a política.”

O que é a política, ou, pelo menos, o que deveria ser a política, se não a “ação prática e moral”, como a define Croce? O eixo dramático entre a formulação intelectual e a ação prática da política está na sedução dos modelos inovadores. O homem de Estado pode, e, em muitos casos, deve propor novos estatutos de convivência social, mas nunca pode ter a pretensão de impô-los. Os negócios públicos são, pela própria definição,

públicos. Os homens agem dentro de seus limites, e esses limites são estreitos. São estreitos porque, embora a humanidade, como um todo, tenha a presunção da eternidade, cada um dos homens tem a certeza de sua finitude, embora nunca saiba exatamente onde o espreita a morte. Conhecer os limites e as potencialidades de um povo é a mais forte virtude do estadista.

O presidente Fernando Henrique Cardoso sempre se definiu como intelectual, embora essa identificação seja, mais do que outras, muito precária. Afinal, entre o homem mais inteligente e mais erudito do mundo e o menos informado de todos os seres humanos, a diferença é mínima: nela, de qualquer forma, não cabe



Fred Lobo

uma polegada de arrogância. Queira Deus que a sua inteligência o faça entender a boutade de quem o saudou em Cambridge e regressar ao Brasil unguido de necessária modéstia. Os meses a vir não serão o passeio bélico de César, depois de atravessar o riacho que separava o território de sua jurisdição da geografia que o Senado vedava às forças militares de conquista. E se ele espera, ao esperar a reeleição, o que obteve César, com a complacência sempre renovada do Senado, ou seja a ditadura vitalícia, pode ficar descansado: o povo o poupará do risco de uma conspiração de áulicos e bajuladores, como a que abateu, à sombra da estátua de Pompeu, aquele que iniciara a sua grandeza política na esteira do partido popular, fundado pelo plebeu Caio Mário. Os simbólicos idos de março de Fernando Henrique, se o bom senso não o levar a desistir da disputa antes, virão em outubro, quando os eleitores brasileiros irão agradecer-lhe os serviços prestados, dispensando-o dos penosos encargos de governo.

O presidente e seus conselheiros estão jogando com o pior para, na esteira do pior, continuarem a castigar o país. A tese é a de que uma terrível crise mundial (que todos esperam) absolva a equipe econômica do estrago que promoveu, durante estes últimos anos. Quando tal ocorrer, o presidente irá para a campanha eleitoral com um discurso de esquerda e com a proposta de um pacto nacional de sobrevivência. É até possível que certos setores de esquerda, transtornados com os golpes recebidos, aceitem a farsa, mas a direita não confia mais nesse seu delegado de ocasião. Por isso mesmo já prepara os seus quadros alternativos, estimulando os srs. Antonio Carlos Magalhães e Paulo Maluf. Koestler, em um de seus textos, adverte que a direita adora a delação, mas detesta o delator. Podemos ampliar a idéia, e concluir que a direita adora a renegação que a favorece, mas despreza os renegados. Na hora necessária, dispensa-os para valer-se de seus quadros ortodoxos.

Tudo indica que, no Brasil, como no mundo, a esquerda saberá encontrar um programa de governo que preserve os ritos democráticos e restaure a primazia do Estado, como o reitor das sociedades nacionais. Esse caminho está sendo reaberto, nos Estados Unidos, com a aliança entre os democratas e as forças sindicais. Os economistas mais sensatos, nos EUA e na Europa, retornam a Keynes, porque retornar a Keynes é a única forma de salvar o capitalismo possível em um sistema democrático possível.

Se não puder o presidente dominar a vaidade pessoal e ver, nas homenagens de Londres, a sua essencial fragilidade, que usufrua, até o êxtase, as pompas britânicas. Que ele possa guardar estes dias no peito com o calor de uma emoção irrepetível, porque, de agora em diante, só o esperam dificuldades, sempre maiores. A visita a Londres é o baile da Ilha Fiscal deste fim de século.